

DIRETO DO FRONT

Da Faixa de Gaza à Sheikh Jarrah: colonialismo de assentamento e apartheid na Palestina

Carolina Antunes Condé de Lima¹

O mês de maio de 2021 ficou marcado por mais uma ofensiva israelense à Faixa de Gaza. A chamada *Operation Guardian of the Wall*, que aconteceu entre os dias 10-21 daquele mês, gerou o deslocamento interno de 107.000 pessoas, outras 242 pessoas foram mortas e 1.948 foram feridas na Faixa de Gaza (OCHA OPT, 2021b). Além disso, dezenas de prédios foram destruídos, entre eles prédios residenciais, escolas da UNRWA (Organização das Nações Unidas de Assistência a Refugiados Palestinos) e prédios que abrigavam escritórios de conglomerados da mídia internacional, além da destruição de estradas e ruas importantes, que dão acesso a hospitais (OCHA OPT, 2021b). Em Israel, morreram 13 pessoas, em função dos mais de quatro mil mísseis lançados pelo Hamas, 90% dos quais foram interceptados pelo *Iron Dome* (ISRAEL, 2021a). A violência contra os palestinos, no entanto, não ficou restrita à Faixa de Gaza. Nos Territórios Ocupados, em Jerusalém Oriental e nos territórios de 1948, grupos extremistas israelenses atacaram e destruíram propriedades, invadiram casas e agrediram pessoas nas ruas, o que causou 27 mortes, deixou 6794 feridos e setenta ataques direcionados contra palestinos (OCHA, 2021c).

Os onze dias da ofensiva à Gaza tiveram como **estopim** os mísseis lançados pelo Hamas² contra o território israelense, as causas, contudo, são anteriores e estruturais. Apesar de ser uma disputa antiga, desde o começo de 2021, a população que habita a região de Sheikh Jarrah, vizinhança de Jerusalém Oriental, tem se manifestado contra uma decisão judicial que expulsa os moradores palestinos de suas casas. Em janeiro, um tribunal distrital de Jerusalém decidiu que a propriedade das terras em Sheikh Jarrah são

¹ Doutoranda em Relações Internacionais no Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais 'San Tiago Dantas' (UNESP, UNICAMP, PUC-SP). Membro do Grupo de Estudos de Defesa e Segurança (GEDES) e do Grupo de Estudos sobre Conflitos Internacionais (GECI).

² É uma organização política palestina fundada em 1987 para servir de resistência à ocupação israelense dos TPO em meio à Primeira Intifada. Braço palestino da rede internacional Irmandade Muçulmana, o Hamas conta com um braço armado, as Brigadas Izz ad-Din al-Qassam. Considerada uma organização terrorista por Israel, EUA e outros aliados internacionais, desde junho de 2007 governa a Faixa de Gaza após romper com o Fatah em uma série de embates violentos em 2006. (HROUB, 2009 *apud* HUBERMAN, 2014).

de famílias judaicas que compraram aquelas propriedades quando toda a Palestina histórica ainda estava sob o Mandato Britânico (1920-1948). Os reclamantes afirmam que suas famílias perderam as terras durante a guerra que precedeu a criação do Estado de Israel, em 1948. Tal julgamento e decisão foi possível porque existe uma lei que permite a judeus que consigam provar que suas famílias tinham propriedades que lhes foram tiradas antes de 1948 recebam sua propriedade de volta (BAROUD, 2021). Esse mesmo direito é negado aos 750.000 palestinos que foram retirados de suas casas e suas terras entre 1948-1949, durante a *Nakba*³. Além disso, Sheikh Jarrah é parte de Jerusalém Oriental, território que foi ocupado e anexado ilegalmente por Israel após a Guerra de 1967, o que torna apropriações de terra, deslocamento forçado e substituição da população nativa crimes de guerra, como apontou o porta-voz do alto comissariado da ONU, Rupert Colville (UN..., 2021).

O processo de expulsão de palestinos é um processo contínuo, mas desde 2018, quando da transferência da embaixada dos EUA de Tel Aviv para Jerusalém, a prática de expulsão de habitantes palestinos de Jerusalém Oriental aumentou bastante. Se em 2018 cinquenta e nove casas foram destruídas, em 2020, em meio a pandemia da Covid 19, esse número cresceu para cento e quarenta (ABRAHAM, 2021). Apenas em 2021, mais de quinhentas foram desalojadas após a destruição de trezentas e sessenta casas nos territórios ocupados da Cisjordânia e Jerusalém Oriental⁴ (OCHA OPT, 2021a). Essa prática é parte de um processo de “judaização da terra”, ou seja, diminuir ao máximo a presença palestina nos territórios ocupados por Israel e garantir a superioridade demográfica frente aos palestinos (HUBERMAN, 2014).

Além da disputa por Sheikh Jarrah, a ofensiva começa a se desenhar no final de abril, quando no dia 22 daquele mês, o Lehava, grupo de extrema direita israelense, fez uma passeata pelas ruas de Jerusalém Oriental entoando cantos de “morte aos árabes”. Isso gerou conflito entre israelenses e muçulmanos no Portão de Damasco⁵, o que resultou na proibição de entrada na Mesquita Al Aqsa durante o mês do Ramadan ('DEATH...', 2021; STAFF, 2021). A Mesquita foi reaberta dias depois e em 07 de maio, última sexta-

³ A *Nakba*, catástrofe em árabe, é como ficou marcado os acontecimentos de 1948-1949 quando mais de 700 mil palestinos foram expulsos e mais de 400 vilarejos foram destruídos no processo de limpeza étnica promovido para que houvesse a formação do Estado de Israel (PAPPÉ, 2006)

⁴ Os dados são atualizados quase que diariamente, por isso pode haver discordância em uma pesquisa feita após a última conferência dos dados. Nosso último acesso data de 10 de junho de 2021 e o site indica a última atualização tendo sido feita dia 08 de junho de 2021. Ver os dados em: <https://www.ochaopt.org/data/demolition>

⁵ O Portão de Damasco é um dos principais acessos do bairro muçulmano na Cidade Antiga de Jerusalém e um ponto de encontro e manifestações de palestinos.

feira do Ramadan, foi palco de uma manifestação a favor das famílias de Sheikh Jarrah. Forças policiais invadiram Al Aqsa e feriram mais de cento e setenta pessoas (IBRAHIM, 2021; AL-AQSA..., 2021). A invasão e a violência geraram uma ameaça do Hamas para o caso de uma nova invasão da Mesquita. Três dias depois, em 10 de maio, forças israelenses invadiram Al Aqsa mais uma vez, deixando trezentos feridos. Horas depois, o Hamas iniciou o lançamento de mísseis desde a Faixa de Gaza contra Israel que respondeu em seguida (KINGSLEY; KERSHNER, 2021).

Dessa vez, a escalada de violência durou onze dias e resultou nas mortes, deslocamentos e destruição previamente citadas na Faixa de Gaza, que está sob bloqueio há 14 anos e ainda não havia sido recuperada desde a última ofensiva de 2014, ou seja, há uma sobreposição de destruição, mortes e deslocamentos. Nos demais territórios, assistiu-se a um aumento generalizado da violência policial. Entre os dias 23 de maio e 03 de junho de 2021, o Estado israelense lançou a *Operation Law and Order*, no “qual milhares de agentes policiais, guardas de fronteira e agentes de reserva foram destacados em todo o país contra amotinadores, delinquentes e qualquer pessoa envolvida em atividades ilegais” (ISRAEL, 2021b). Mais de 2.000 palestinos foram presos em um movimento que alguns tem acusado o Estado israelense de buscar vingança contra aqueles que protestaram contra a violência em Gaza e os despejos de Sheikh Jarrah e Silwan (KHOURY, 2021; NAJJAR, 2021).

É importante entender que a violência que se assistiu não é um caso isolado, ela é parte de uma estrutura que permeia a relação Palestina-Israel. Por isso, para falar do que aconteceu entre os meses de abril e maio de 2021 nos territórios palestinos é necessário entender alguns conceitos e contextos que são determinantes para a questão palestina, sendo o primeiro deles a ideia de colonização de assentamento (*settler colonialism*). Entende-se que a colonização por assentamento é o deslocamento ou eliminação total da população originária para ocupar o território, apagando os vestígios humanos e culturais daqueles que ali estavam antes. Esse processo é o mesmo que vivemos no Brasil e que foram experienciados também por Austrália, Canadá, Estados Unidos e Nova Zelândia, por exemplo (SALAMANCA et al., 2012; WOLFE, 1996).

Essa prática é uma parte do sistema colonial criado pela Europa que, de acordo com Césaire (2010, p. 22) é “a cabeça de ponta da barbárie e uma civilização” a partir da qual se “pode chegar a qualquer momento a pura e simples negação da civilização”, ou seja, a colônia é um espaço no qual a violência impera. Em função disso, a colônia é um espaço no qual reina o estado de exceção, dessa forma, ali é permitido que qualquer ato

seja praticado, sem que haja julgamento de valor moral (MBEMBE, 2016). Para além da violência física contra o corpo colonizado, afinal a conquista da terra também passa por um processo de conquista dos corpos, há também um processo de violência subjetiva ao reduzir o colonizado a uma criação do colonizador, lhe retirando toda a sua humanidade (CÉSAIRE, 2010; FANON, 1961).

A colonização do espaço, por sua vez, é violenta não apenas porque a tomada do espaço é feita à base da força, mas também porque após sua conquista, o espaço é transformado pelo colonizador: ele impõe barreiras físicas e geográficas que criam o espaço do colono, que se assemelha à metrópole, e o lugar do colonizado, que é visto como um espaço de violência e amoralidade. Um elemento central dessa divisão é a questão racial: o colonialismo tem no seu cerne o racismo, a ideia de supremacia europeia frente aos demais povos do mundo (FANON, 1961).

Outra ideia central para entender a questão é o sionismo. O sionismo surge como uma resposta ao antissemitismo histórico que marca o Ocidente há mais de um milênio. A busca por um Estado nação próprio ganhou força após os *pogroms*⁶ na Rússia czarista do final do século XIX, se tornou uma questão de vida ou morte para a população judaica europeia após o Holocausto. O grande problema que se coloca é que o movimento que se propõe a ser um movimento de libertação nacional, se transformou em um movimento de superioridade racial (BOSE, 2007). Nesse sentido, “a racialização dos palestinos enquanto população nômade e transferível, e da sua terra enquanto vazia foi providencial para tornar legível e justificável as suas ambições imperiais, além de ocultar as brutalidades da colonização de ‘uma terra sem povo para um povo sem terra’” (HUBERMAN, 2020, p.89). O sionismo parte da premissa de que a colonização deveria ser por e para os judeus, com o deslocamento da população original. O colonialismo sionista se baseia nas ideias de substituição e assentamento, ou seja, o objetivo central é deslocar e/ou eliminar a população local e ocupar a terra em seu lugar (LOCKMAN, 2012; SAID, 2012; SALAMANCA et al., 2012).

A partir dos conceitos de colonialismo de assentamento e sionismo se torna possível entender o histórico da questão Palestina e a última ofensiva, que é parte de uma estrutura de violência que está posta. A última escalada de violência nos territórios

⁶ *Pogrom* é uma palavra russa que significa "causar estragos, destruir violentamente". Historicamente, o termo refere-se aos violentos ataques físicos da população em geral contra os judeus, tanto no império russo como em outros países (United States Holocaust Memorial Museum. [2021]).

palestinos ganhou a atenção dos meios de comunicação tradicionais e da comunidade internacional como um todo após, em 10 de maio de 2021, o Hamas lançar mísseis contra Israel. Mais uma vez o que se via era uma narrativa bastante conhecida: os terroristas do Hamas estão atacando Israel que tem o direito de se defender e, por isso, pode bombardear a Faixa de Gaza o quanto quiser. O que muitos não esperavam é que uma nova-velha narrativa também ganharia força dentro do atual contexto: a narrativa palestina de apontar Israel como um Estado colonialista, que comete crimes contra a humanidade e impõe apartheid contra a população original. O que para muitos pode soar como uma novidade, para aqueles que acompanham a questão Palestina há mais tempo, o que se vê é um acordar do mundo para o que realmente acontece há, pelo menos, 73 anos.

REFERÊNCIAS

ABRAHAM, Yuval. ‘They tossed us out like garbage’: The Palestinians who lost their Jerusalem homes. **+972 magazine**, 2021. Disponível em:

<https://www.972mag.com/jerusalem-demolition-palestinians-2020/>. Último acesso em: 10 de junho de 2021.

AL-AQSA MOSQUE: Dozens hurt in Jerusalem clashes. **BBC**, 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-middle-east-57034237>. Último acesso em: 10 de junho de 2021.

BAROUD, Ramzy. The untold story of Sheikh Jarrah. **MEMO: Middle East Monitor**, 2021. Disponível em: <https://www.middleeastmonitor.com/20210512-the-untold-story-of-sheikh-jarrah/>. Último acesso em: 10 de junho de 2021.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o Colonialismo**. Letras Contemporâneas, 2010.

FANON, Frantz. **Os condenados da Terra**. Editora ULISSEIA limitada, 1961.

HUBERMAN, Bruno. A colonização neoliberal de Jerusalém após Oslo: desenvolvimento, pacificação e resistência em Palestina/Israel. 2020. 368 p. Tese (doutorado) - UNESP/UNICAMP/PUC-SP, Programa San Tiago Dantas, 2020.

Disponível em:

https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/202339/huberman_b_dr_mar.pdf?sequence=3&isAllowed=y

HUBERMAN, Bruno. Judaização da Palestina ocupada: colonização, desapropriação e deslocamento em Jerusalém Oriental, Cisjordânia e Faixa de Gaza entre 1967 e 2013. 2014. 201 p. Dissertação (mestrado) - UNESP/UNICAMP/PUC-SP, Programa San Tiago Dantas, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/111152>.

IBRAHIM, Arwa. Scores of Palestinians hurt as Israel police storm Al Aqsa: Live. **Aljazeera**, 2021. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2021/5/7/jerusalem-dozens-of-palestinians-hurt-in-al-aqsa-clashes>. Último acesso em: 10 de junho de 2021.

ISRAEL. Operation Guardian of the Wall. Disponível em:

<https://mfa.gov.il/MFA/ForeignPolicy/Terrorism/Palestinian/Pages/Operation-Guardian-of-the-Walls-10-May-2021.aspx>. 2021a. Último acesso: 10 de junho de 2021.

ISRAEL. Summary of "Operation Law and Order" of the Israel Police. Disponível em: <https://www.gov.il/en/departments/news/police-restoring-order-030621>. 2021b. Último acesso em: 10 de junho de 2021.

KHALID, Walid. Plan Dalet: Master Plan for the Conquest of Palestine, **Journal of Palestine Studies**, Vol 18, No1, p. 4-33, 1988.

KHOURY, Jack. Israeli Police Aren't Seeking Law and Order, but to Silence Arab Citizens. **Haaretz**, 2021. Disponível em: <https://www.haaretz.com/israel-news/.premium-israeli-police-aren-t-seeking-law-an-order-but-to-silence-arab-citizens-1.9853398>. Último acesso em: 10 de junho de 2021.

LOCKMAN, Zachary. Land, Labor and the Logic of Zionism: A critical engagement with Gershon Shafir. **Settler Colonial Studies**, Vol 2, No 1, p. 9-38, 2012.

MBEMBE, Achile. Necropolítica. **Arte & Ensaios**, [S.l.], n. 32, mar. 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993>.

'DEATH to Arabs': Chaos erupts in Jerusalem after far-right march. **Middle East Eye**, 2021. Disponível em: <https://www.middleeasteye.net/news/jerusalem-death-to-arabs-far-right-anti-palestinian-march>. Último acesso em: 10 de junho de 2021.

NAJJAR, Farah. 'A war declaration': Palestinians in Israel decry mass arrests. **Aljazeera**, 2021. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2021/5/24/a-war-declaration-palestinians-in-israel-decry-mass-arrests>. Último acesso em: 10 de junho de 2021.

OCHA OPT. Data on demolition and displacement in the West Bank, 2021a. Disponível em: <https://www.ochaopt.org/data/demolition>. Acesso em: 10 de junho de 2021.

OCHA OPT. Escalation in the Gaza Strip, the West Bank and Israel | Flash Update #12 covering 12:00 21 May – 12:00 23 May. 2021c. Disponível em: <https://www.ochaopt.org/content/escalation-gaza-strip-west-bank-and-israel-flash-update-12-covering-1200-21-may-1200-23-may>

OCHA OPT. Gaza Strip: Escalation of hostilities 10-21 May 2021, 2021b. Disponível em: <https://www.ochaopt.org/content/gaza-strip-escalation-hostilities-10-21-may-2021>

PAPPÉ, Ilan. **A limpeza étnica palestina**. São Paulo: Sundermann. 2016.

SALAMANCA, Omar Jabary et. al, Past is Present: Settler Colonialism in Palestine. **Settler Colonial Studies**, Vol 2, No 1, p. 1-8. 2012.

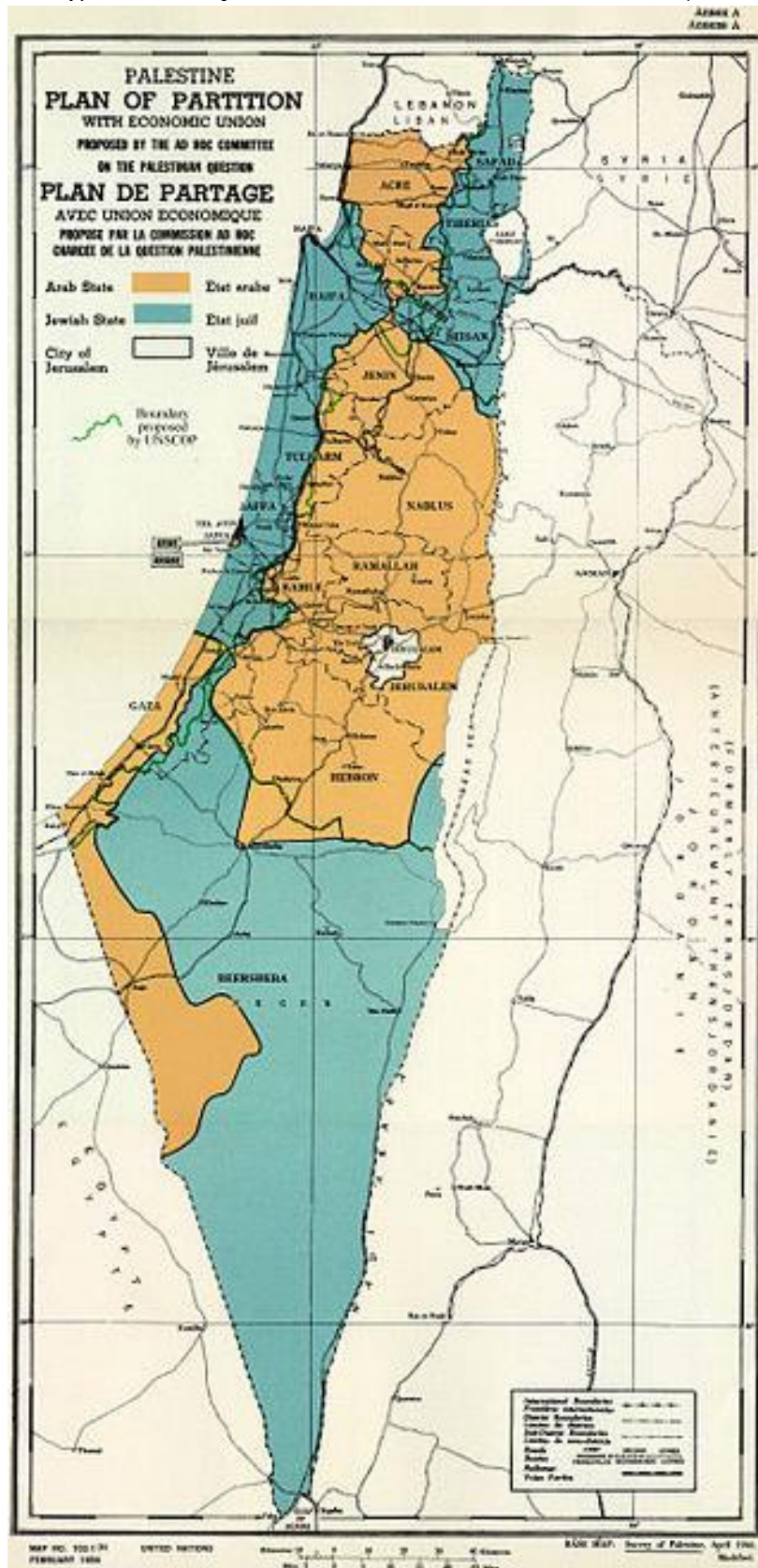
STAFF, Toi. Dozens hurt, arrested in Old City clash as extremist Jews chant 'Death to Arabs'. **Times of Israel**, 2021. Disponível em: <https://www.timesofisrael.com/dozens-hurt-at-old-city-clash-as-extremist-jews-march-chanting-death-to-arabs/>. Último acesso em: 10 de junho de 2021.

UN demands Israel stops East Jerusalem evictions, cautions over possible 'war crimes'. **The New Arab**, 2021. Disponível em: <https://english.alaraby.co.uk/news/un-cautions-israel-over-possible-eviction-related-war-crimes>. Último acesso em: 10 de junho de 2021.

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. Pogroms. Enciclopédia do Holocausto. [2021]. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/pogroms>. Acesso em 25 jun. 2021.

WOLFE, Patrick. Purchase by Other Means: The Palestine Nakba and Zionism's Conquest of Economics. **Settler Colonial Studies**, Vol 2, No 1, p. 133-171, 2012.

Figura 1 - Mapa do Plano de Partilha da Palestina, 1947



Fonte: UNITED NATIONS. Annex A to resolution 181 (II) of the General Assembly, 29 November 1947. February 1956 Modified. Disponível em: <https://unispal.un.org/DPA/DPR/unispal.nsf/0/164333B501CA09E785256CC5005470C3>. Acesso em: 20 jun. 2021.

Conflito Israel-Palestina: Desdobramentos Atuais

Karina Stange Calandrin¹

A atual crise que emergiu entre Israel e Palestina tem sido discutida sobre diferentes espectros, mas pouco tem se falado sobre a relação com a crise política israelense e a possível saída de Benjamin Netanyahu do poder. É indiscutível que sua maior arma ao longo dos 12 anos que esteve enquanto primeiro-ministro de Israel foi a construção de um discurso sobre ameaça, disseminando a narrativa do medo sobre a sociedade israelense.

Toda uma geração de israelenses judeus, criados em um Israel “seguro”, já cresceu sem nenhuma consciência da Linha Verde. Eles ouviram histórias sobre as intifadas, mas a narrativa presente era que o conflito havia sido superado graças à administração do governo. Os Acordos de Abraão com os Estados do Golfo pareciam provar que não havia mais "Questão Palestina". O que não foi considerado nesta narrativa era que para os palestinos o conflito nunca terminou. Nos últimos meses, a tensão foi aumentando, desta vez não na Cisjordânia ou em Gaza, mas entre os cidadãos palestinos em Israel.

Benjamin Netanyahu construiu a narrativa da segurança para judeus israelenses a partir de uma força policial subserviente, da mídia nacional, do neoliberalismo e da tentativa de cooptação de políticos selecionados entre os cidadãos palestinos de Israel. A polícia israelense, nos últimos anos, tornou-se conhecida pela repressão violenta de qualquer grupo que ousa desafiá-los. A classe média e alta ashkenazita, em sua maioria, foram, historicamente, poupadas de grande parte da violência. Já os etíopes, os Haredim, Mizrahim, e, claro, árabes, são mais atingidos.

Desde o início do Ramadã, há quase um mês, a força policial israelense tem se colocado a postos frente às agressões mútuas entre palestinos e judeus israelenses em Jerusalém, representando uma provocação aos palestinos, desde a barricada dos degraus no Portão de Damasco, os golpes dados aos manifestantes no Sheikh Jarrah, e mais recentemente o uso de gás lacrimogêneo e bombas de efeito moral dentro da mesquita de Al-Aqsa. A repressão policial é apoiada por Amir Ohana, ministro da Segurança Pública, que representa o Estado cada vez mais autoritário de Netanyahu.

¹ Doutora e mestre Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais ‘San Tiago Dantas’ (UNESP, UNICAMP, PUC-SP), professora e coordenadora do curso de Relações Internacionais do Unisagrado.

O governo de Netanyahu manteve seu apoio político e sua legitimidade perante a maioria da população judaica israelense a partir do crescimento econômico dos últimos anos. A forte economia teve impacto positivo em Tel Aviv, por exemplo, Israel está há anos crescendo em rankings internacionais como a “nação start-up”, atraindo investimentos internacionais de empresas de alta tecnologia e israelenses em expansão no exterior. A moeda local, o shekel, teve uma valorização ao longo dos anos do governo Netanyahu e permitiu que israelenses de todas as classes sociais passassem férias no exterior.

Todavia, para a maioria dos palestinos a história é muito diferente. Em Jerusalém Oriental, os palestinos enfrentam crescentes ataques aleatórios de supremacistas judeus, muitas vezes por membros de grupos colonos que travaram uma campanha de uma década de pressão legal e despejos. Os residentes que deixam Jerusalém para o exterior, para melhorar sua educação ou suas perspectivas econômicas, muitas vezes perdem seus direitos de residência.

Depois há a ascensão de Mansour Abbas e seu partido islâmico Ra'am, a quem Netanyahu cortejou com grande entusiasmo na esperança de construir uma coalizão e formar o governo. Para alguns analistas era uma boa notícia e um indicativo de mudanças na política israelense, e por um tempo, Abbas retribuiu, prometendo deixar sua identidade palestina de lado em favor de um governo de direita que daria aos árabes de fato participação, apenas para descobrir que os outros parceiros de coalizão, da lista kahanista de extrema direita, o rejeitaram porque ele é árabe.

O objetivo de Netanyahu é se manter como primeiro-ministro, por um projeto de poder e pelos processos de corrupção que está enfrentando. E ele pode até conseguir alcançar o objetivo de garantir que seus rivais Yair Lapid e Naftali Bennett não sejam capazes de formar um governo, e com Abbas percebendo que uma escalada Israel-Hamas deixa sua adesão a qualquer governo insustentável.

A escalada da situação entre o Hamas e Israel é a prova disso. Nos últimos dias centenas de foguetes foram disparados de Gaza em direção a cidades israelenses e com foco estritamente em alvos civis. A situação se mostra insustentável: civis israelenses de fato com medo ao ouvir o som de sirenes avisando que mais foguetes foram lançados e palestinos reféns da possibilidade de Israel revidar e as consequências serem ainda mais devastadoras.

Entretanto, um primeiro-ministro imbuído da responsabilidade que o cargo exige, teria controlado a polícia, conduzido um verdadeiro diálogo com a liderança árabe,

observado o status quo no Monte do Templo, anunciado um plano para investir na sociedade árabe, mas acima de tudo, teria preservado as instituições israelenses e a democracia.

REFERÊNCIAS:

ALOUF, Rushdi Abu. Israel x Gaza: o que explica nova troca de hostilidades três semanas após cessar-fogo. Disponível em:

<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-57495469>. Acesso em: 17 jun. 2021.

BATEMAN, Tom. Israel-Gaza ceasefire holds despite Jerusalem clash. **BBC**, 2021.

Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-middle-east-57195537>. Acesso em: 28 mai 2021.

CHARLEAUX, João Paulo. Qual o saldo da guerra em Gaza, segundo 3 especialistas. Nexo, 2021. Disponível em: https://www.nexojornal.com.br/expresso/2021/05/21/Qual-o-saldo-da-guerra-em-Gaza-segundo-3-especialistas?fbclid=IwAR02m_SyNwdngox-IKBgSl77jmvH_qjHqzwBPNUvjoBAzoHgP-iltB1gGWI. Acesso em 21 jun. 2021.

ISRAEL afirma ter destruído túneis do Hamas em Gaza. **DW**, 2021. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/israel-afirma-ter-destru%C3%ADdo-t%C3%BAneis-do-hamas-em-gaza/a-57554599>. Acesso em: 17 mai. 2021.